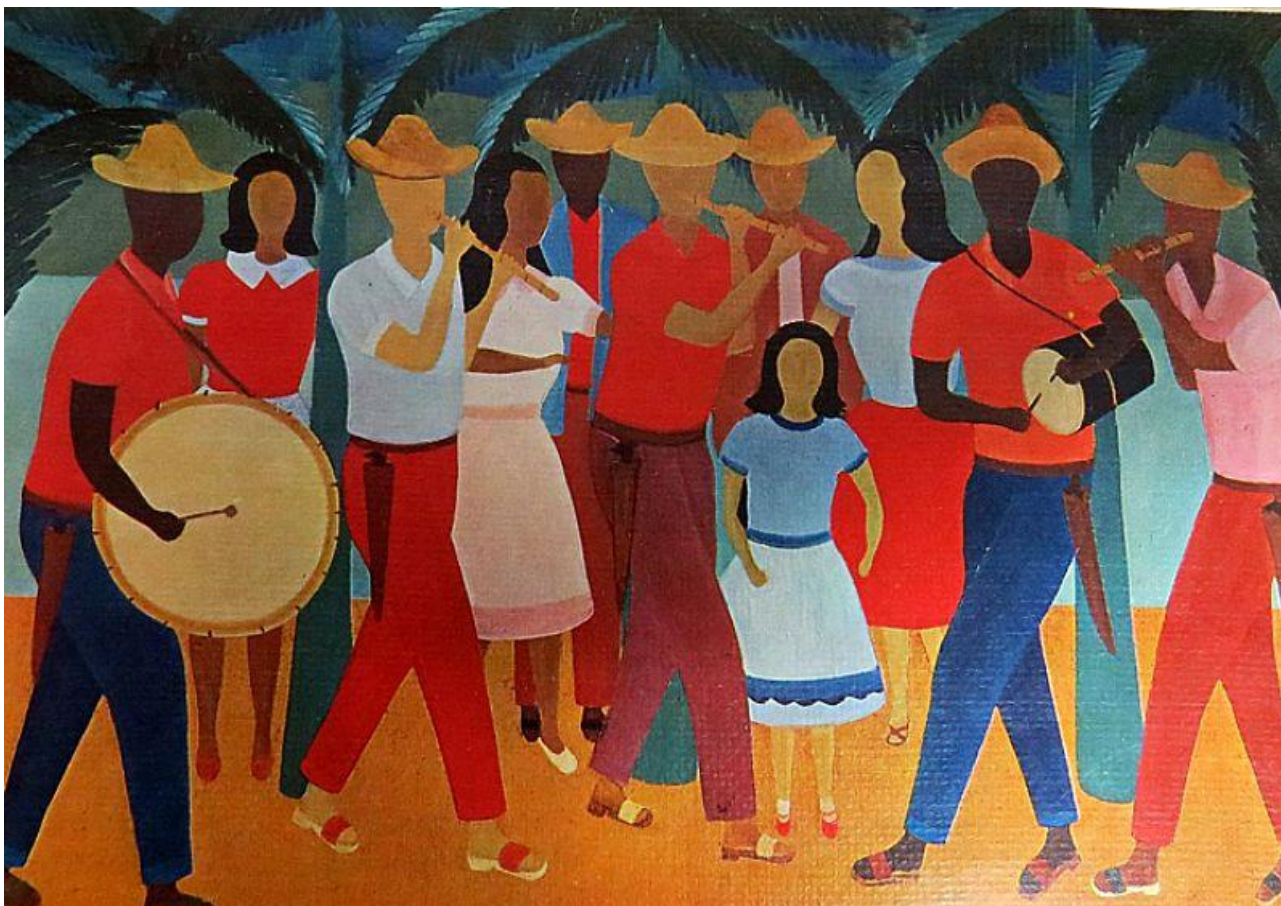


O CRISTO, NOSSA PÁSCOA, FOI IMOLADO! CELEBREMOS A FESTA¹



Festa, uma tentativa rápida de definição

Uma festa é sempre uma solenidade. Uma solenidade, por sua vez, é uma ocorrência rítmica, uma sucessão ordenada em intervalos regulares de tempo, com a qual um fenômeno ocorre, um organismo se desenvolve. A solenidade diz respeito diretamente, e antes de tudo, ao homem, depois à natureza, aos lugares, eventos importantes, religiosos ou não.

A festa, por ser uma ocorrência que obedece a um ritmo temporal articulado entre tempo livre e tempo ocupado, tem haver com as diferentes fases da vida e com os eventos que sinalizam a história individual e coletiva. Tem sempre haver com o entrar em relacionamento e com a capacidade própria do homem re-*cor*-dar.

A festa para homem e homem para a festa

Para Durkheim e seus discípulos, a festa tem, acima de tudo, uma função libertadora e recreativa, propiciada pela amalgamação maciça e produtora de exultação.

¹ Publicado originalmente em italiano, in *Servizio della Parola* 467 (2015) 24-30.

Caracteriza-se, sobretudo, como celebração da vida e como uma das atividades mais expressivas dos homens, entendida como uma identidade primeiramente reflexiva e posteriormente comunitária, centrífuga e centrípeta, ambos ao mesmo tempo.

Esse conceito nos invoca imediatamente o binômio festa / identidade. O segundo termo precede e acompanha o primeiro, que se torna o resultado, o fim e o princípio. Em outras palavras, o "identificar-se" é mais que suficiente para fazer uma festa, e a festa se torna a fonte de uma identidade que vai além da própria festa. Esse processo está enraizado na dimensão simbólica do homem, cuja auto-realização ou existência pessoal e comunitária, se torna possível somente através da mediação.

A festa tem a capacidade de despertar a pessoa humana, antes ou depois, para uma realidade que a supera (dimensão mística da festa), a completa (dimensão soterológica da festa) e a liberta da loucura da "solidão habitada", típica do mundo contemporâneo, onde cada vez mais o ser humano é identificado como número, tipo e massa desconhecidos².

O tempo e a festa

Esse *antes* e esse *depois* faz com que a festa se torne uma ruptura mediadora no tempo ordinário, que geralmente é anódino³. A festa se torna, então, suspensão, transgressão espaço-temporal. Sinaliza a passagem dos ritmos cotidianos para uma livre explosão de vida. A festa como objeto de diferenciação está presente em todas as culturas como forma de distinguir o sagrado do profano, o trabalho do tempo livre. Ela também funciona como uma reprodução simbólica da fadiga e do relaxamento, da tensão e da distensão fisiológica, próprias da respiração.

Por outro lado, a festa faz o ser humano beber nas suas fontes, isto é, favorece-lhe a oportunidade de retornar periodicamente aos tempos das suas origens⁴; assim as festas são periódicas; toda semana tem um domingo, todo mês uma ocorrência para se comemorar, todo ano um aniversário de alguém, de alguma coisa, de algum evento. Assim, as festas acontecem com caráter semanal, mensal e anual; sinalizam as décadas e os milênios, adaptando-se, obviamente, à medida temporal do homem.

Em todas as culturas, a relação entre natureza, tempo e celebração festiva é quase que dada por certo. O verão, o outono, o inverno e a primavera revestem a criação com suas roupas, cores e perfumes próprios e impelem a pessoa humana a entrar em simbiose, colaboração, cooperação, fusão, inter-relação, compreensão, relacionamento, ligação, vínculo com tudo o que é específico de cada estação. A chegada de cada um das estações sinaliza um novo tempo com uma forma particular de celebração, especialmente

² Cf. ZAMAGNI S., «Organizzazione del lavoro, uso del tempo e prospettive di civiltà», in A. GRILLO - F. ALACEVICH – S. ZAMAGNI, *Tempo del lavoro e senso della festa*, San Paolo, Cinesello Balsamo (Milano) 1999, 39-66.

³ GRILLO A., «Lavoro e festa cristiana in epoca postmoderna», in ID., F. ALACEVICH – S. ZAMAGNI, *Tempo del lavoro e senso della festa*, San Paolo, Cinesello Balsamo (Milano) 1999, 67-108.

⁴ Cf. ELIADE M., *Il mito dell'eterno ritorno*, 3. ed. Borla, Roma 1989.

quando pensamos o tempo como o tempo de semear e de colher o feijão, o trigo, o milho, a uva etc.

Podemos finalmente dizer que a festa é sempre ritual, simbólica e, como tal, obedece aos processos rituais de separação, suspensão e reintegração. A festa pode produzir interpretações do cotidiano, críticas e sugerir reformulações, conscientes ou não, do mundo circundante. Devido ao seu caráter de reiteração, às vezes de tom profundamente nostálgico, a festa pode atuar como um espaço para aprender códigos sociais e para a produção de novas informações e perspectivas.

Atrair e integrar os participantes, sempre foi uma tarefa específica da festa. Ela envolve pobres e ricos, está presente em todas as culturas e etnias, pode ser sagrada ou profana, ou ambas ao mesmo tempo ou em tempos sucessivo. É uma transição da eficiência funcional para a esfera da gratuidade⁵.

A festa cristã

Ao pensarmos sobre a questão *o que é a festa autenticamente cristã* (?) podemos ir imediatamente ao ponto: a festa cristã é o próprio Cristo, o Cristo obediente ao projeto do Pai. A festa cristã é o viver histórico-salvífico de Cristo. «Uma festa cristã pressupõe, acima de tudo, um fato salvífico passado, que consagrou um determinado dia e que a celebração litúrgica o faz reviver. É por isso que a Igreja nunca celebrou a "parusia", mas apenas os mistérios históricos de Cristo e de seus santos. Esses fatos são "salvíficos" no sentido forte da palavra, isto é, eles são a causa da salvação, razão objetiva para a santificação, e não apenas "benefícios", de acordo com o sentido enfraquecido que o termo tem no uso corrente. Finalmente esses fatos são fontes de alegria sobrenatural»⁶.

Cristo é o cumprimento de todas as promessas feitas aos pais da Primeira Aliança. Nele, através do seu livre "sim" à vontade do Pai, a humanidade foi elevada à categoria de povo de Deus: a festa de Cristo, ou a festa que Cristo celebrou entre os homens e mulheres, era fidelidade à vontade do Pai⁷.

Celebremos, pois, a festa

Essa festa/obediência/fidelidade encontra o seu ponto culminante na Páscoa que Cristo celebrou com os seus e que o faz ainda hoje *per ritus et preces* na liturgia da Igreja. A Páscoa obediente de Cristo não é apenas um modelo para os cristãos (dimensão moral), uma forma de vida (*lex vivendi*), mas "a" sua festa: O Cristo, nossa Páscoa, foi imolado! Celebremos a festa ... (1Cor 5,7-8).

⁵ Cf. RAHNER H., *L'homo ludens*, Paideia, Brescia 2011.

⁶ MAGRASSI M., «Fare festa: un bisogno irrinunciabile del cuore umano», in *È festa! Per il Signore e per noi!* Atti della XXXI settimana Liturgica Nazionale, Monastero di S. Giovanni Ev., Parma 1981, 20.

⁷ Cf. Hb 10,5-10.

A "festa Cristo" obedece a todas as regras da festa do ser humano, por causa do princípio fundamental da Encarnação, porém a aperfeiçoa. Aqui, a alegria das pessoas se torna, em Cristo, um eco no mundo da alegria de Deus.

A festa da "Festa Cristo" por excelência é a solenidade da Páscoa, a ocorrência anual, o centro de toda a vida cristã. «Mais uma vez é Páscoa e alegria, meus irmãos, escreve Santo Atanásio, mais uma vez o Senhor nos conduziu a este tempo para que, alimentados, como de costume, com sua palavra, celebremos a festa como convém. Aguardamos com alegria esta celebração celestial junto com os santos, pois eles já preanunciaram esta solenidade e nos precederam pelo exemplo de sua vida vivida em Cristo»⁸.

Para os Padres da Igreja, a Páscoa não exclui ninguém, nem mesmo os pecadores, porque neste dia o perdão foi derramado sobre a terra (Maximo de Turin, *Ser.* 53); a alegria da Igreja reunida é acompanhada pela exultação dos anjos (J. Crisóstomo, *Hom. Pascal*, 3); toda a criação exulta, porque esta festa é a festa do Adão reconciliado com a criação (Zenão de Verona).

Este é o dia que o Senhor fez

Da Páscoa anual nasce a Páscoa semanal, o domingo. Não se trata de uma Páscoa reduzida, em miniatura, mas o domingo é, precisamente, aquele dia feito pelo Senhor, por isso somos convidados pelo salmista: "alegremo-nos e regozijemo-nos nele" (Sl 117,24). O domingo torna-se o coração da semana e do ano litúrgico, dele e para ele se direcionam todos os tempos. O domingo é o próprio Cristo ressuscitado, primeiro e último, primeiro e oitavo, Alfa e Ômega. É o dia símbolo da fé cristã⁹.

A celebração dominical torna tangível o princípio de todas as coisas e nos permite, por ritos e preces, ver e experimentar a transição do nada ao ser, das trevas à luz, do caos ao cosmos, à beleza¹⁰. Também nos faz fazer a experimentar da transição da escravidão para a liberdade, faz de nós todos estrangeiros caminhantes para a terra natal. O domingo é o dia da libertação¹¹.

Ao dia feito pelo Senhor estão ligadas todas as festas cristãs. Os Padres da Igreja acreditavam que neste dia se deu a Encarnação para a redenção do homem. Para eles este é o dia epifânico por excelência; nesse dia Cristo subiu ao céu (a Ascensão), o Espírito Santo veio (Pentecostes). Esse é o dia dos sacramentos, nele lembram-se dos mártires, da Mãe de Deus. O domingo é, ainda hoje, um dia para ser redescoberto¹².

⁸ S. ATANASIO, *Epist.* II, 1, PG 26, 1366 D.

⁹ MOSSO D., «La domenica: da festa di precetto a pasqua settimanale», *VM* 184 (1991) 69-89.

¹⁰ Cf. DI MURO V., *La domenica, festa per risorgere, Riflessioni e proposte sulla festa nel suo autentico significato di gioia liberante per la salvezza integrale dell'uomo*, Coletti, Roma 2001, 18.

¹¹ AUGÉ M., *La domenica, Festa primordiale dei cristiani*, San Paolo, Cinesello Balsamo (Milano) 1995.

¹² Cf. JOÃO PAULO II, *Dies Domini*, 7, in *EnchVat.* 17, 900-1011, 599-601.

A comunidade paroquial, lugar de festa

Surge uma pergunta: de que maneira a nossa paróquia é um lugar/espço ideal para a festa? O primeiro dado que poderia servir como resposta seria o da participação ativa *in primis* nos sacramentos, isto é, a nossa paróquia se tornará realmente lugar da celebração cristã quando ela descobrir a dimensão festiva e comunitária dos sacramentos, celebrados não só efetivamente, mas, antes de tudo, simbolicamente na própria paróquia, que desperta não apenas o sentido do pertencer, mas também da identidade.

Ao adotar este princípio, é conveniente assumir os dias de reunião como dias de encontros solidários, uma solidariedade nascida da própria solidariedade de Deus para conosco e que se estende de nós para os nossos irmãos¹³. Os dias de festa paroquial são chamados a se tornarem dias de festa do Senhor, da Igreja, da família, do ser humano, da esperança, do canto, da dança, da mesa posta, do diálogo, do repouso, a alegria.

Dom Jerônimo Pereira Silva, OSB
Monge do Mosteiro de São Bento de Olinda
Doutor em Sagrada Liturgia
Membro do Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard.
jeronimo.osb@gmail.com

¹³ BARONIO L., «La domenica in parrocchia: dalla liturgia alla testimonianza della carità», *VM* 184 (1991) 139-148.